

TRABALHO DOCENTE DESAFIADO: CONCEPÇÕES DE ESCOLARIZAÇÃO EM DISPUTA NO TERRITÓRIO DA ESCOLA RURAL EM GOIÁS

TEACHING WORK CHALLENGED: CONCEPTIONS OF SCHOOLING IN DISPUTE IN THE RURAL SCHOOL TERRITORY IN GOIÁS

EL TRABAJO DOCENTE DESAFIADO: CONCEPCIONES DE ESCOLARIZACIÓN EN DISPUTA EN EL TERRITORIO ESCOLAR RURAL DE GOIÁS

*Rosivaldo Pereira de Almeida*¹

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás, Brasil

*Carolina Gomes de Jesus*²

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás, Brasil

Resumo: O artigo trata dos sentidos da escolarização no meio rural, no Município de Goiás. Procuramos desvelar as concepções de escolarização no território da escola, a partir da fala dos professores, de observações sistemáticas e dos nexos e tensões existentes entre as determinações estruturais e conjunturais do atual momento brasileiro, em sua relação com a dinâmica social do capitalismo. Durante a realização da pesquisa participante (2018-2022) identificamos quatro concepções de escolarização em disputa no território da escola, que se entrecruzam nas tramas da cultura política, da educação do campo e dos novos movimentos sociais. Os referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa são Bourdieu (1998), Almeida (2009; 2018), Souza (2018), Silva (2018) e Fernandes (2018).

Palavras-chave: Educação do Campo. Trabalho Docente. Sentidos da Escolarização.

Abstract: The article deals with the meanings of schooling in rural areas, in the municipality of Goiás. We seek to reveal the conceptions of schooling in the school's territory, based on the teachers' speech, on systematic observations and on the links and tensions between the structural and conjunctural determinations of the current Brazilian moment, in their relationship with the social dynamics of capitalism. During the participatory research (2018-2022) we identified four competing conceptions of schooling in the school territory, which intersect in the fabrics of political culture, rural education and new social movements. The theoretical references that give support to the research are Bourdieu (1998), Almeida (2009; 2018), Souza (2018), Silva (2018) and Fernandes (2018).

Keywords: Rural Education. Teaching Work. Meanings of Schooling.

Resumen: El artículo trata sobre los significados de la escolarización en el medio rural, en el municipio de Goiás. Buscamos revelar las concepciones de la escolarización en el territorio de la escuela, a partir del discurso de los profesores, de observaciones sistemáticas y de los vínculos y tensiones entre las determinaciones estructurales y coyunturales del momento brasileño actual, en su relación con la dinámica social del capitalismo. Durante la investigación participativa (2018-2022) identificamos cuatro concepciones contrapuestas de la escolarización en el territorio escolar, que se entrecruzan en los tejidos de la cultura política, la educación rural y los nuevos movimientos sociales. Los referentes teóricos que

¹ Professor do Centro de Ensino e Aprendizagem em Rede (CEAR) da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: rosivaldo.almeida@ueg.br

² Professora de Apoio do Campus Cora Coralina, da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: carolinagdj@hotmail.com

sustentam la investigación son Bourdieu (1998), Almeida (2009; 2018), Souza (2018), Silva (2018) y Fernandes (2018).

Palabras clave: Educación Rural. Trabajo Docente. Significados de la escolarización.

1. CONHECENDO O TERRITÓRIO DA ESCOLA NO MEIO RURAL EM GOIÁS: COMPREENSÃO DO CONTEXTO, DA TEORIA E DO MÉTODO

Sobrevivemos em tempos sombrios, de incertezas existenciais, frente a determinação estrutural do capitalismo, por um lado, e da ameaça da Pandemia de Covid – 19, que se apresenta, em todo planeta, como perigo real de mortes sem precedentes para a história da humanidade. Uma sociedade de trabalhadores sem trabalho; o avanço político do fascismo e da teocracia; a consolidação do liberalismo como teoria política e econômica e da teologia da prosperidade no campo religioso; o completo desmonte do Estado social em todo mundo; a materialização da ansiedade generalizada em função do não cumprimento das promessas de igualdade e liberdade na modernidade e o fortalecimento das pautas conservadoras, baseadas numa visão religiosa de mundo pentecostal são alguns elementos que marcam a existência, em nosso tempo histórico.

As manifestações sociais da luta pelo reconhecimento dos movimentos identitários, a raiva materializada pelos que não conseguiram vencer na vida pela promessa equitativa, a partir da expansão da escola; o anseio e os embates em torno do reconhecimento das identidades sexuais, religiosas, de gênero, de raça e sexo são alguns elementos históricos importantes que reverberam sobre a cabeça dos professores e sobre os processos de escolarização em geral.

Em nosso entendimento, os aspectos políticos que atravessam as relações sociais e pedagógicas da atual conjuntura escolar, no meio rural são: o fascismo e o ultraliberalismo conservador neopentecostal, dos que se orientam por uma visão de mundo à direita e pelos radicalismos dos novos movimentos sociais, que se apresentam, na arena social, como práticas políticas de luta pelo reconhecimento identitário, cuja finalidade educativa é a formação de um tipo humano novo, desapegado dos laços rígidos de pertencimento sociais, permeado, na maioria das vezes, pela ideia de cidadania líquida e culturalmente configurada nos seus mínimos detalhes.

Temos a impressão de que os movimentos sociais tradicionais saíram de cena, dando lugar a um gradiente de relações complicadas, o enfraquecimento dos sindicatos e dos partidos políticos, os quais se perderam em suas plataformas políticas que não mais agregam no movimento histórico das transformações sociais. No horizonte, permanecem a luta pela diversidade e o direito de ensinar e aprender de forma plural e ética; A “contínua” luta e resistência da profissão docente, ora proletarizada, ora precarizada e, em muitas circunstâncias, degradada em diferentes contextos, desde o século o início do século XX no Brasil, em nosso tempo histórico parece agonizar. Lutar para ser professor, e continuar sendo, envolve os sonhos, a formação e profissionalização docentes e todas as dificuldades impostas pelo sistema, desde baixos salários, evidenciados pelos movimentos de sindicatos, aos riscos de criminalização do trabalho de ensinar.

Nesse imbróglio tentar compreender os sentidos da escolarização e do trabalho docente, sem antes desvelar os entrecruzamentos desse gradiente é falsear a realidade histórica. Em pesquisa de campo, durante a realização de um mestrado em educação na UFG, constatou-se que o processo de escolarização se constitui como determinante e, na visão de mundo dos trabalhadores rurais, determina o futuro de sucesso ou de fracasso de seus filhos.

Ao longo da pesquisa de campo evidenciamos que ao concluírem o ensino fundamental, em escolas na zona rural, no Município de Goiás, os jovens migram para a cidade, a fim de darem sequência aos seus estudos, em busca de melhores condições de vida e trabalho. Não há qualquer relação do sucesso escolar e profissional ao de permanência no meio rural. (Almeida, 2009).

Para os trabalhadores rurais, o processo de escolarização, se constitui como sinônimo da ascensão social dos seus filhos. A maioria dos trabalhadores, quando indagados acerca da razão de enviarem seus filhos à escola, respondeu: “[...] para eles não ter no futuro a mesma vida de sofrimento que a gente tem”. Os trabalhadores pensam a escola como espaço de profissionalização e de emprego e existe uma ligação intrínseca entre escola e emprego nas falas dos trabalhadores. Na concepção dos trabalhadores rurais é por meio da escola que as crianças terão um rumo na vida, com a sequência dos estudos, terão a possibilidade de um emprego melhor, mais reconhecido socialmente, e sairão do

meio rural. Na perspectiva dos trabalhadores rurais isso significa a libertação dos seus filhos da vida de sofrimento que levam no campo (Almeida, 2009).

Em nosso campo de pesquisa no meio rural no ano de 2018, no Município de Goiás, escolhemos a Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha, na Buenolândia ou Distrito da Barra e a Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) como os lugares de construção afetiva do objeto que nos persegue, os sentidos da escola, da escolarização e do trabalho docente.

Foto 1: Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha



Fonte: os autores

Foto 2: Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha



Fonte: os autores

No caso concreto da nossa pesquisa-ação-participante, que tem as escolas do campo no Município de Goiás (2018/2022) como recorte espacial e temporal, os professores que trabalham no meio rural são os sujeitos da nossa pesquisa, mas não desconsideramos os filhos dos trabalhadores rurais, os camponeses assalariados, os parceiros e parceiras de projetos de reforma agrária, os gestores escolares, as merendeiras, os secretários e secretárias das escolas, os motoristas que fazem o transporte escolar rural, dentre outros que convivemos durante nossa pesquisa. Construímos afeto, carinho e amizades. Escolhemos essas duas instituições pelas suas características próprias e em oposição, formando uma espécie de unidade na diversidade e, também, pela afinidade com os sujeitos que delas participam.

No Distrito da Barra ou Buenolândia encontramos muitas novidades na escola por lá instalada: novos discursos sobre a escola e novas concepções acerca da escolarização e do trabalho docente; professores que, no passado, foram nossos alunos, no Campus Cora Coralina, da Universidade Estadual de Goiás (UEG); um novo pavilhão com uma biblioteca; um parquinho com brinquedos infantis; uma horta e uma plantação de mandioca, no ponto de colheita.

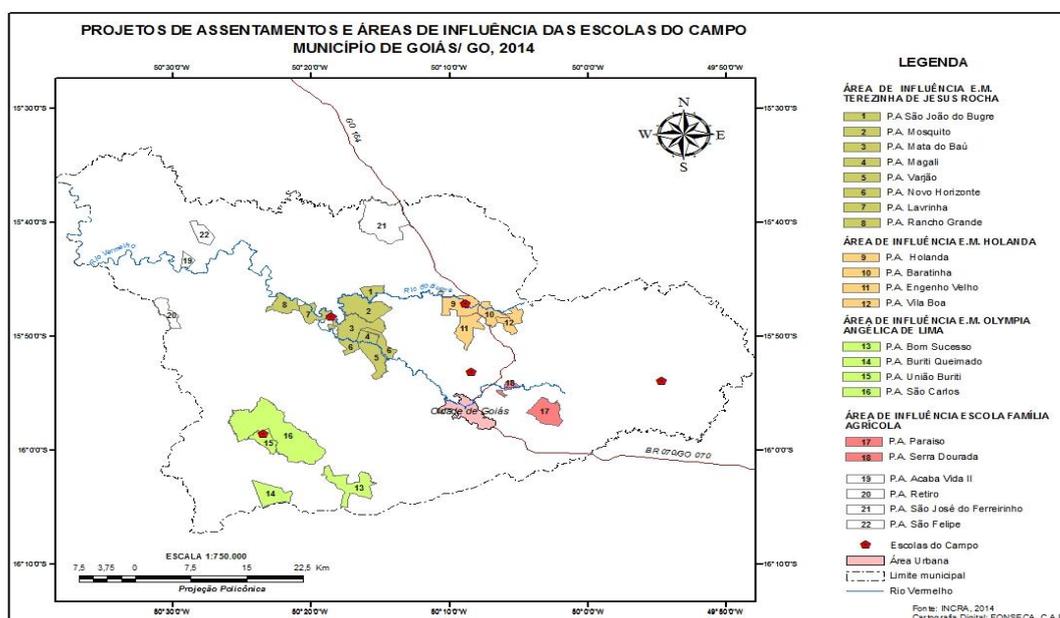
Evidenciamos práticas reivindicadas pela Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, desde 1997, e o anseio por parte de alguns professores para implementação dessa nova pedagogia. Certamente os teóricos desse campo de estudos e pesquisas ficariam felizes de saberem que elementos da educação do campo estão atravessando as práticas pedagógicas escolares nas escolas rurais no Município de Goiás.

Na EFAGO, além dos novos discursos sobre a escola e novas concepções acerca da escolarização e do trabalho docente, encontramos uma força colossal para que a escola construída, na luta e no afeto dos trabalhadores rurais, continue a existir. Nos pareceu algo extraordinário manter toda estrutura em funcionamento, principalmente pelas dificuldades financeiras encontradas e o não interesse do Estado em contribuir com sua manutenção. A ausência de funcionários para as atividades básicas de cozinha, limpeza, manutenção, segurança e transporte faz com que professores, que já são responsáveis pela

ministração das aulas teóricas e práticas, se desdobrem para cobrir, juntamente com os alunos, essas funções não custeadas pelo Estado.

De acordo com um dos professores a escola é parte constitutiva de um projeto coletivo do movimento social alavancado por trabalhadores rurais, em um contexto de comunidades rurais mobilizadas, como é o caso de Goiás³. A escola foi construída com mutirões de pais, e foi utilizada a força de trabalho de pedreiros, serventes, carpinteiros, cozinheiras, dentre outros trabalhadores que foram necessários para a construção.

Mapa 1: Município de Goiás as comunidades rurais mobilizadas e os lugares nos quais se encontram as escolas rurais instaladas -
Fonte: (GWATÁ – Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo



Fonte: Relatório Final: *Diagnóstico de Pesquisa Participativa*, Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha. Goiás, 1014).

Com mais de 30 anos de História, a EFAGO é fruto de lutas políticas dos trabalhadores rurais com algumas organizações como Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A construção do prédio conta com uma estrutura capaz de abrigar até 120 alunos, construída por pais e alunos,

³ “Tudo está contaminado dos seus contrários”, como afirma Alfredo Bosi. Essa frase nos reporta ao Município de Goiás, que além de ser sede da antiga capital do Estado e reduto de famílias poderosas que compõem a classe dominante é também constituída de vinte e quatro assentamentos de reforma agrária, um território marcado da luta pela terra.

através de mutirões, mas, no momento de realização da pesquisa, possuíam apenas vinte e cinco alunos matriculados.

Foto 3 - EFAGO



Fonte: os autores

Além de um ambiente educacional de tempo integral, que se alterna em tempo de escola e tempo de comunidade, a EFAGO simboliza para os alunos, que moram na zona rural, um lugar de socialização com pessoas mais próximas de sua faixa etária e com seus professores, os quais se revezam para estarem com eles noite a dentro, dia após dia. Os estudantes não podem ficar sozinhos.

A rotina na Efago começa bem cedo. Entre o trabalho duro e os momentos de descanso a divisão e organização das tarefas exige tanto dos professores como dos alunos concentração e disciplina. A rotina começa às 6h00min e inclui limpeza dos corredores, manejo dos animais, o cuidado com as plantas, recolhimento do lixo e o preparo do café da manhã, aulas teóricas e práticas, além do preparo do almoço, lanche da tarde e do jantar.

Durante a realização da nossa pesquisa participante constatamos que a EFAGO conta com o convênio do Estado para o pagamento dos professores. Somente isso. A escola é registrada como instituição privada de ensino, dificultando, até mesmo, a

inscrição dos estudantes no ENEM para as cotas voltadas para estudantes de origens pobres. Mesmo com muitas dificuldades no seu funcionamento, a escola assume, no seu projeto político pedagógico, a vinculação a concepção teórica da Educação do Campo.

Com o quadro de oito professores, sendo eles quatro atuantes na base comum, licenciados, e três atuantes da dimensão técnica e agrícola, formados nos cursos de engenharia agrônômica, zootecnia e engenharia florestal, respectivamente, faltam muitos trabalhadores, materializando a completa degradação do trabalho docente, no meio rural em Goiás.

Todas as tarefas são realizadas por equipes que devem estar na sala de aula às 7h:00min, sempre alternando o tempo de leitura, escrita, aulas, com os trabalhos domésticos, de cuidado com os animais e com as plantas. Algo nos chamou atenção: Diferente da educação rural ofertada na Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha, na EFAGO, a resistência se faz história. Os professores, estudantes e a comunidade em geral, especialmente da Universidade Estadual de Goiás resistem a educação rural ofertada pelo Estado, na sua instância municipal, em um projeto educacional de caráter político: A Educação do/no Campo é materializada no cotidiano escolar, com sua proposta pedagógica revolucionária (Souza, 2018).

A EFAGO e a Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha são instituições escolares com realidades institucionais diferentes⁴, mas fazem parte de um mesmo movimento histórico. Pertencem ao mundo rural e são atravessadas por concepções de escolarização e de trabalho docentes que constituem teorias que atravessam o fazer pedagógico dos professores, dos alunos e da comunidade rural vilaboense.

Durante os quatro anos de pesquisa realizamos leituras e produção de textos descritivos e teóricos para elaboração dos relatórios parciais; visitas as escolas no período anterior a Pandemia, nas quais realizamos encontros com o coletivo de professores para apreender os sentidos atribuídos à escolarização e ao trabalho docente; além de seminários, grupos de estudo, orientações de trabalho de iniciação científica abordando a temática, dentre outras atividades acadêmicas.

⁴ A EFAGO é administrada pela Associação de Pais e conta com a parceria da Secretaria de Estado da Educação de Goiás, que realiza o pagamento dos professores que por lá atuam. A Escola Terezinha de Jesus Rocha é administrada pela Secretaria Municipal de Educação do Município de Goiás e se orienta pelas políticas educacionais do sistema municipal de ensino.

Nossas primeiras incursões de materialização da pesquisa participante como aporte metodológico se deu na segunda metade do ano de 2018, momento no qual apreendemos o instrumental teórico para a materialização da pesquisa de campo, com a leitura coletiva do projeto de pesquisa aprovado pela PrP-UEG e a produção de leituras e de textos complementares, bem como encontros periódicos com estudantes do curso de história que se vincularam a pesquisa.

Em Outubro de 2019 retornamos para realizarmos da nossa maior incursão no processo de pesquisa-ação: Decidimos fazer parte da pesquisa-ação, a partir do Projeto que articula ensino, pesquisa e extensão “A Universidade na Escola/ A escola na Universidade: o Campus Cora Coralina na EFAGO” no qual ofertamos oficinas de direitos humanos e agroecologia, envolvendo o Grupo Ticas de Matema, o Núcleo de Direitos Humanos, Educação e Movimentos Sociais (NUDHEM) e o Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (GWATA). Durante as oficinas⁵ realizamos a coleta inicial dos dados para nossa pesquisa.

Fotos - Incursão das Oficinas Pedagógicas de Direitos Humanos na EFAGO (Foto 4); Consequência da Drogadição; Plantas medicinais (Foto 5); Fogueira da Existência (Foto 6); Maquiagem artística e violência contra a mulher (Foto 7).



⁵ As oficinas pedagógicas foram organizadas pelos grupos Ticas de Matema, coordenado pelo Prof. Dr. Rodrigo Bastos Daúde, o Núcleo de Direitos Humanos, Educação e Movimentos Sociais (NUDHEM) coordenado pelo Prof. Dr. Rosivaldo Pereira de Almeida e Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (GWATA) coordenado pelo Prof. Dr. Edson Batista Silva. Além das oficinas interdisciplinares realizamos caminhada ecológica, exposição de fotos e exibição de filmes.



Fonte: os autores

No ano de 2019 realizamos o Seminário de Pesquisa Educação do Campo e Pesquisa Participante, articulando o grupo de pesquisa em educação do campo do Gwatá – Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo da UEG, juntamente com o Núcleo de Direitos Humanos, Educação e Movimentos Sociais (NUDHEM), objetivando discutir o conceito de pesquisa participante, por entendermos, que tal metodologia acrescentaria na produção do conhecimento sobre o tema. Considerando o contexto da Pandemia de Covid – 19 em 2020 e em 2021, continuamos com orientações e atividades acadêmicas de pesquisa, através da plataforma *Google Meet*.

Realizamos no mês de abril de 2021 o Seminário Interno de Pesquisa para discutir o livro “Educação do Campo: Lutas, Experiências e Reflexões”, organizado pelo Prof. Dr. Murilo Mendonça Oliveira de Souza e os relatórios de pesquisa de estudantes bolsistas de iniciação científica. Nesse evento contamos com a participação de teóricos que abordam a temática e fazem parte da luta pela educação do campo no movimento do real. Fernandes (2018), Silva (2018) e Souza (2018) são referenciais teóricos que fundamentam nossa análise e participaram do Seminário.

Compreendemos que no Município de Goiás a educação do campo se constitui como uma das propostas que, no território escolar, aparece como objeto de disputa. Por um lado, a escolarização ofertada pelo Estado na sua instancia municipal, com a estrutura de uma escola conservadora e tradicional que reproduz as desigualdades educativas e corrobora para a migração de estudantes rumo a cidade, especialmente ao concluírem o ensino fundamental; por outro lado, a partir do entendimento dos professores e professoras da EFAGO e de um movimento articulado por universidades, organizações sociais do campo, partidos de esquerda, sindicatos que formam um todo social a

concepção de escolarização se ancora no entendimento da complexa relação entre o campo e a cidade e os tensionamentos produzidos pela teoria da educação do campo Almeida (2009; 2018), Arroyo (2009) e Souza (2018).

É nesse entremeio que o presente artigo se insere. Não pretendendo dar conta da totalidade, mas sem dela abrir mão, compreendemos que tudo que fizemos, igual um porco, foi aproveitado para chegarmos a análise e síntese apresentada.

2. A CONFUSÃO ESTÁ ARMADA: CONCEPÇÕES DE ESCOLARIZAÇÃO ENTRELAÇADAS

Em tempos de incertezas frente às utopias e anseios por transformações sociais, especialmente, na atual fase de acumulação flexível do capital, que, no caso brasileiro, se atrela a conjuntura política do fascismo transvestido de ultraliberalismo neopentecostal, conservador e reacionário, a escolarização de jovens pobres, no caso em tela, territorializada no meio rural, passa a ser disputada por quatro concepções de escolarização que se entrelaçam.

A escola que, a partir dos anos de 1970, com a produção da teoria da educação libertadora, foi conclamada como instituição que contribuiria com a transformação social, se constituiu:

(1) como espaço disputado pelos sujeitos que se orientam pela conservação social radical, produzido pela teoria positivista, ao que chamamos de concepção **liberal conservadora**. Adepta do ultraliberalismo defensor da iniciativa privada, em detrimento do público-estatal são, na maioria, defensores da ideologia neopentecostal e da teologia da prosperidade, ainda que católicos. Em nome da família defendem o patriarcado, em nome do patriotismo defendem o “Brasil acima de todos”, em nome de Deus defendem o autoritarismo, a misoginia, a homofobia, o racismo e a militarização da existência. Nada mais perturbador. Fazem parte dos que defendem o movimento “Escola sem Partido” e se vinculam, mesmo sem perceberem, a chamada ideologia fascista e/ou bolsonarista.

(2) instituição que nos discursos oficiais aparece atrelada ao desenvolvimento econômico, como espaço de inovação e ascensão social dos indivíduos, a partir da lógica que se insere na perspectiva da meritocracia e da igualdade de oportunidade, a chamada

concepção **liberal moderada**. Nessa perspectiva a escolarização é fator determinante de mobilidade social, tão criticada por Bourdieu e Passeron (1998).

(3) instituição multicultural identitária, que têm na categoria “identidades múltiplas” o seu principal fundamento e pela qual lutam e disputam o território escolar, a concepção **liberal identitária**. A força desse movimento pedagógico está nas ações políticas concretas em busca do reconhecimento das identidades múltiplas. Os movimentos LGBTQIA+, os movimentos antirracistas, os quais lutam pelo reconhecimento das políticas de igualdade raciais, o movimento feminista radical ou moderado que luta pelo reconhecimento da identidade de gênero, dentre outras pautas identitaristas se manifestam no disputado território, culturalmente configurado nos seus mínimos detalhes. Nessa concepção, como parte da trama de desejos, partilha de projetos e aspirações, se disputa a afirmação simbólica de novos sujeitos e movimentos pedagógicos inseridos na algibeira dos novos movimentos sociais. Em nosso entendimento a radicalização das pautas contribui para a fragmentação da identidade política da classe trabalhadora, assim como compreende Mascarenhas (2002).

A quarta concepção se insere no movimento da educação do campo e se ancora nas experiências históricas dos movimentos sociais clássicos: Os partidos políticos de esquerda, as organizações sindicais e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): Articulados aos sujeitos defensores da escola pública, laica, obrigatória, gratuita e de qualidade socialmente referenciada chamamos essa concepção de **social moderada**.

De acordo com Silva (2018 p.158):

A Educação do Campo propõe que objetivos, currículos e metodologias se voltem para a realidade do campo. A Educação do Campo no Brasil se fortalece por meio do apoio de Universidades, dos movimentos sociais e de ações coletivas e individuais de professores do campo. Porém, se não houver o respaldo do Estado com maiores investimentos, a adaptação de calendários, o aumento do número de EFAS e as mudanças urgentes no sistema educacional, a Educação do Campo não se territorializa.

Pois além de apontar a finalidade de uma educação no campo ele explicita agentes envolvidos que vão além da relação Estado-Aluno. Para esse necessário diálogo acerca da educação no campo atores fundamentais como os movimentos sociais e os partidos políticos são conclamados para se pensar a escolarização.

De acordo com Fernandes (2018, p.30) “A luta pela educação do campo emerge da luta organizada pelos movimentos sociais do campo, da agricultura familiar e camponesa, da constante reivindicação por direitos humanos que vinculem a vida na terra (...)”

O debate acerca de uma educação *do* campo e não somente *no* campo se materializa no tensionamento da educação ofertada pelo Estado as populações camponesas. Conforme ressalta Fernandes (2018, p.38):

O projeto de educação do campo está inserido em um projeto de sociedade, ligado a um projeto de desenvolvimento para o campo, proposto e sendo construído pelos camponeses, os quais se articulam através de suas organizações sociais.

Esse discurso de inoperância do Estado para com suas funções não é novo. É muito comum, e inclusive utilizado pelo movimento liberal para justificar a privatização de alguns direitos como saúde, educação e previdência social. Direitos estes que são entendidos pela direita raivosa e autoritária, com grau ainda maior de perversidade, como serviços a serem pleiteados pelos indivíduos. Trata-se de uma ofensiva que tem sido fortemente afirmada no discurso da inoperância do sistema público e de sua precarização, legitimando a atuação do capital na educação, tendo como resultados a perda da autonomia das escolas do campo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS A GUISA DOS AFETOS QUE FAZEM DA “ÚLTIMA INCURSÃO” INCONCLUSA: RELATO AFETIVO DOS QUE QUEREM RETORNAR

O lugar de desenvolvimento da nossa pesquisa é o rural, mas não pensamos o rural como lugar isolado e desconectado dos processos de urbanidade e ruralidade ou como periferia do urbano. O rural e o urbano são invenções humanas, a partir da literatura, das artes e das ciências, na modernidade. Entendemos como Cruz e Pessoa (2003 p. 02) “O campo está na cidade e a cidade está no campo”. Não pensamos o rural como lugar estanque, tendo como referência o urbano ou a ele fazendo oposição, pensamos o rural a partir da sua intrínseca relação com o urbano: Assim, é mais seguro falar do rural levando-se em conta três considerações: a) o rural não mais ou não apenas como categoria

geográfica específica; b) o rural não mais e não apenas como produção agrícola ou agropecuária; c) O rural como representação social e simbólica do urbano. Explicando um pouco melhor essa terceira dimensão, pode-se dizer que o rural, independentemente de onde se mora ou do que se faz, é uma concepção de mundo, é um modo como as pessoas e os grupos se organizam nas suas relações sociais e produtivas. (PESSOA, 2003 p. 02).

O nome escola se originou na cultura grega antiga, *scholé* e significa “lugar do ócio”. É um espaço formal e profissional de formação, de materialização e realização do trabalho docente, do processo de escolarização. Denominada pública ou privada, laica ou confessional, rural ou urbana, a escola se configurou como uma das instituições mais valorizadas socialmente do nosso tempo histórico. Isso se explica pelo discurso produzido na modernidade, especialmente pelos organismos multilaterais, da sua associação a mobilidade social, ascensão social vertical pela via das garantias da manifestação e do desenvolvimento de potencialidades individuais adquiridas no processo de escolarização.

É uma instituição certificadora, que no discurso liberal se apresenta sob a tutela da equidade, isto é, igualdade de oportunidades, em meio a um discurso político que se sustenta a partir da meritocracia. A escola é objeto de desejo de todas as classes sociais, independentemente do lugar de habitação, no meio rural ou urbano, é inconcebível, em nosso tempo histórico, um espaço de sociabilidade sem a escola e seus profissionais, bem como crianças, jovens e adultos que não a frequentem.

A escola rural possui características particulares, sendo elas a relação íntima com a natureza, sentimento de pertencimento e acolhimento ao mundo de sua inserção, Entretanto, a mesma não é mais importante ou menos que as escolas da zona urbana.

A escola rural é reconhecida por reforçar a ideologia e resistência dos movimentos sociais do campo, num processo por uma formação pública que valorize a identidade e a cultura, costumes e tradições dos povos do campo, sobre o viés da formação humana e de desenvolvimento local sustentável. Por essa razão, é importante refletirmos o que Colonetti (2021, p.12) expressa “A educação no meio rural aponta para possibilidades pedagógicas que consideram as especificidades, os conhecimentos e os potenciais das pessoas do meio rural.” (Colonetti, 2021, p.12)

Sobre essa perspectiva é que pensamos nas escolas rurais do município de Goiás, a Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha, no Distrito da Barra e a Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO), especificamente. Em uma das incursões com vista a finalizar a pesquisa do projeto “Sentidos atribuídos à escolarização e ao trabalho docente pelos professores que atuam no meio rural no Município de Goiás” compreendemos que as dinâmicas das concepções de escolarização se encontram ancoradas nos movimentos sociais em ambas escolas. Isto é, há uma intrínseca relação entre projetos de escolarização e os movimentos sociais de direita, de esquerda e os novos movimentos sociais identitários.

Cabe enfatizarmos, como aponta e evidência na dissertação de Almeida (2009) que as primeiras escolas do meio rural foram construídas e se mantiveram sobre condições precárias, com falta de uma infraestrutura física adequada, ausência de materiais pedagógicos, e de professores qualificados para lecionarem nesses espaços. O mesmo autor ainda revela o descaso por parte do governo com as condições postas na escola rural.

Todas essas questões e muitas outras influenciam e determinam o processo de aprendizagem, bem como todo processo educacional público da zona rural, como expressa Almeida (2009, p.50)

Além das questões de falta de estrutura e de ordem política, problemas socioeconômicos também interferiam negativamente no aproveitamento escolar e no desenvolvimento de uma escola de qualidade. As precárias condições materiais de existência das populações rurais apareciam como o principal problema que levava à repetência e à evasão escolar, enfim, ao fracasso da escola rural. (Almeida, 2009, p.50).

Refletindo sobre essa realidade apresentada e que talvez esteja ligada a baixa quantidade de alunos matriculados e presentes nas escolas rurais mencionadas. Percebemos que apesar da baixa quantidade de alunos matriculados, e que vem diminuindo segundo a própria gestão escolar a cada ano, ambas escolas melhoraram muito nos quesitos de estruturas, materiais pedagógicos, professores qualificados entre outros fatores fundamentais para o desenvolvimento e manutenção da escola. Mas muito ainda precisa ser feito para garantir educação de qualidade e uma estrutura semelhante as escolas instaladas na cidade.

Outra constatação que aponta para um retrocesso sem precedentes se trata do retorno a Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha com sua estrutura e funcionamento

consubstanciando-se na forma multisseriada. Como aponta o relatório de Cruz e Pessoa (2004) o equipamento escolar foi construído, no Distrito da Barra, para resolver a questão da escola multisseriada, nucleando os estudantes em uma instituição escolar que, a priori, estavam em dispersos em escolas isoladas multisseriada espalhadas por todo município de Goiás. Foi identificado, no ano de 2004, que haviam escolas funcionando em currais, com alunos da primeira fase do Ensino Fundamental agrupados em uma mesma série.

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pelos gestores, professores e estudantes, destacamos coisas bonitas que tem se materializam pelo esforço coletivo da comunidade escolar. Passamos ao relato da nossa última incursão. Ao chegarmos na Escola Terezinha fomos recebidos pela coordenadora pedagógica que amigavelmente nos chamou até a coordenação para um diálogo mais aprofundado.

Nos foi informado pelos gestores acerca do projeto “Mão na Massa” idealizado pela secretaria municipal de educação e desempenhado por toda equipe escolar.

O projeto “Mão na Massa” tinha como proposta a plantação de mandioca e conseqüentemente a produção de alimentos originários da mesma. Segundo a informações prestadas pelos gestores, os próprios alunos e professores plantaram, colheram, ralaram e produziram os alimentos da mandioca. Este projeto seria apresentado e apreciado no grito do Cerrado, evento organizado pela Comissão Pastoral da Terra e articulado por parte da comunidade vilaboense em parceria com várias outras entidades, inclusive da prefeitura municipal de Goiás. É importante frisar que cada etapa obedeceu aos cuidados e habilidades dos respectivos alunos. Atividades que envolviam riscos não se realizavam com os alunos menores.

Após nos inteiramos sobre o projeto, fomos realizar uma caminhada pelas dependências do colégio acompanhados pelo diretor. Em meio a essa caminhada chegamos na sala da Professora Luiza, que havia sido aluna da UEG-Câmpus Cora Coralina e agora professora da escola. A Professora Luiza, falou sobre a atividade que estava desenvolvendo com os alunos naquele dia: a produção de um bolo de mandioca, conhecido como “Mané Pelado”. Alimento que seria compartilhado no Grito do Cerrado no dia posterior. Registramos com algumas fotos a alegria em poder conhecer mais sobre a dinâmica da experiência.

Foto 8 - Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha, Professora Luíza ensinando os alunos a fazerem o “Mané Pelado”



Fonte: os autores

Em meio desse diálogo com a professora Luiza os alunos brincavam e se divertiam na sala de aula, enquanto isso presenciamos o diretor consertando uma encanação que estava com problemas. Isto é, o diretor da unidade escolar realizando uma atividade for a da sua função e para a qual não foi contratado. Revela-se desse modo, tal como os professores na EFAGO a degradação e a superespropriação do trabalho docente em atividades for a da função professoral.

Na EFAGO, fomos recebidos gentilmente pela coordenadora, dialogamos logo na entrada sobre a proposta da nossa visita. Encontramos um professor de história que já estava de saída, mas que tinha muita satisfação em receber a UEG com projetos tão significativos como o apresentado. Em seguida a coordenadora pedagógica nos convidou para irmos a sala dos professores, chegamos lá encontramos o professor Reginaldo, onde travamos um extenso e harmonioso debate, conversamos por um longo tempo a respeito

dos projetos já desenvolvidos na escola antes da pandemia do Covid 19, sobre os processos de formação dos professores, sobre a dinâmica das aulas no colégio, até o momento que o professor Reginaldo precisava acompanhar os alunos para o trabalho prático a ser realizado na horta e com os animais, e nos convidou para participar.

Fotos 9 e 10 - Estudantes mexendo a terra para a produção de uma horta



Fonte: os autores

Fomos ao encontro dos alunos e juntos fomos conhecer os ambientes onde os animais ficavam, professor Reginaldo foi relatando, passo a passo, os deveres e a execução das atividades por parte dos alunos e professores. Falou também que o colégio também estaria participando do Grito do Cerrado (UEG) no dia posterior apresentado as produções realizadas no colégio. Foi emocionante e enriquecedora cada descrição e visualização de todo espaço do colégio. Definiremos como colégio/casa.

É importante mencionar que os alunos se mostravam muito envolvidos com as atividades práticas, mas que também vislumbravam um futuro na universidade e a

conquista de melhores condições de vida para a família. Logo após vivenciar e apreciar as atividades, caminhávamos para despedir, ganhamos um pé de alface, que, nós mesmos tínhamos que colher. Nos despedimos de todos, encantados com a experiência e com o sentimento de gratidão pelos compartilhamentos e recepção.

Já na saída encontramos Don Neto. Homem sábio, experimentado na vida, nos fez um longo discurso a respeito do contexto da educação atual, da visão do estado ainda discriminatória e superficial sobre a escola do campo, além de exemplificar o desconhecimento por parte das pessoas sobre a pedagogia da alternância realizada na escola. Todas as suas falas e sobretudo, o conhecimento que possui nos remete a frase de Paulo Freire “A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”

Os relatos de Don Neto nos instigou a querer ouvi- lo ainda mais, sentimos o tempo curto para tamanho conhecimento que descrevia. Infelizmente o compromisso com a universidade no período noturno impossibilitou que o diálogo continuasse, saímos com o sentimento e desejo de querer escutá-lo mais e compreender ainda mais suas experiências na educação e na vida. Agradecemos muito por toda recepção e aprendizados e demonstramos o desejo de retornar.

A experiência em ambas escolas nos proporcionou aprendizados, realidades de diferentes escolas, mas que possuíam um objetivo em comum formar cidadãos melhores para o mundo, com sentimento de respeito e preservação do meio ambiente, preparando pessoas para inter-relações e construção de um mundo melhor. Nesta pesquisa participante sentimentos, pensamentos, maneiras de pensar e agir, a cooperação foram explorados e desvelados, experiências foram compartilhadas, assim como sonhos, aspirações e o reconhecimento da educação do campo, de fortalecimento de esperanças, de entendimento que a resistência sempre vai ser encontrada. Enfim, foi a experienciaa de pesquisa que Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão nos estimula a conhecer e vivenciar (Brandão, 1982).

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosivaldo Pereira de. *Não Estudou, fica na Roça e vai pro cabo da Enxada: Sentidos e Significados atribuídos pelos trabalhadores rurais em Goiás*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2009.

ALMEIDA, Rosivaldo Pereira de. *Armadilhas no labirinto: escolarização e trabalho docente desafiados pelo pacto da educação em Goiás*. Doutorado em Educação (Tese). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. 2 1

ARROYO, Miguel Gonzalez. FERNADES, Bernardo Mançano. *A Educação Básica e o movimento Social do Campo*. Brasília-DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo/Coleção por uma Educação Básica do Campo, n.º 2, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Org.: CATANI, Afranio e NOGUEIRA, Maria Alice. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. PASSERON, Jea-Claude. CHAMBOREDON, Jean-Claude. *Ofício de Sociólogo – Metodologia da Pesquisa na Sociologia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004. CALDART, Roseli Salette. *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

COLONETTI, Paulo Cesar. *Educação no Meio Rural: Uma Proposta De Formação Cidadã*. Repositório Universitário da Ânima (RUNA), 2021, p.01-27.

CRUZ, José Adelson da. *O pulso ainda pulsa? Cultura política e movimentos sociais em tempos sombrios*. s/l, s/e, 2007.

_____; PESSOA, Jadir de Moraes. *Ruralidades: saberes e sentidos da escola no meio rural em Goiás*. Relatório de Pesquisa, Núcleo de Estudos Rurais da Faculdade de Educação da UFG, 2004.

FERNANDES, Rosana C. *Educação do campo como território em disputa*. In: SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de (Org.). *Educação no Campo: lutas, experiências e reflexões*. Goiânia: Ed. UEG, 2018.

GWATÁ – Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo. *Relatório Final: Diagnóstico de Pesquisa Participativa*, Escola Municipal Terezinha de Jesus Rocha. Goiás, 2014.

HARVEI, David. *O neoliberalismo: História e Implicações*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARX, Karl. *Para Crítica da Economia Política: Salário, Preço e Lucro: O Rendimento e suas fontes: A economia Vulgar*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SOUZA, Murilo Mendonça de Oliveira (org) *Educação no Campo – Lutas, Experiências e Reflexões*. Goiânia: UEG, 2018.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Extensões do Rural e Educação*. GT-7 – Educação, Trabalho e Movimentos Sociais. Sessões especiais. Campo Grande: VI EPECO, 2003.

SILVA, Edson Batista da; BORGES, Joyce de Almeida. *Educação do campo como território em disputa*. In: SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de (Org.). *Educação no Campo: lutas, experiências e reflexões*. Goiânia: Ed. UEG, 2018.

Recebido em 15/10/2023

Aceito em 15/10/2023

Publicado em 26/01/2024